**APROPRIAÇÃO DE LETRAMENTOS RACIAIS CRÍTICOS EM PODCAST: UMA ABORDAGEM REFLEXIVA, ANALÍTICA E ENGAJADA DAS QUESTÕES RACIAIS**

Marta da Conceição de Paula – PPGE/UFMT

Tereza Fernandes – PPGE/UFMT

Resumo: O presente resumo expandido faz parte de uma pesquisa de Doutorado em Educação, no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), e visa discutir a mobilização de Letramentos Raciais Críticos em professoras da Educação Básica por meio de múltiplas linguagens a respeito de raça, gênero e classe. Intencionamos oferecer um curso como dispositivo de pesquisa-formação em Santos (2014), nos inspiramos nas pesquisas com os cotidianos em Andrade; Caldas; Alves (2019) e realizamos uma cartografia como método de pesquisa processual no *Instagram*, conforme Deleuze; Guattari (1995), para mapear territórios de intensidades e multiplicidades com um recorte nas análises das múltiplas linguagens que estão em nosso cotidiano e, para isso, selecionamos o *Podcast* para análise das apropriações dos Letramentos Raciais e Críticos.

Palavras Chaves: Letramento Racial Crítico, *Podcast*, Cartografia, Cotidianos.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nos apoiamos principalmente em Ferreira (2014) e Pereira (2022) que nos ensinam que Letramentos Raciais referem-se à capacidade de compreender e interpretar questões relacionadas à raça, etnia e identidade racial, sem adotar uma postura crítica ou reflexiva, podendo incluir a conscientização sobre a diversidade racial, a história das populações racializadas e a importância da representatividade. O Letramento Racial Crítico vai além do simples reconhecimento e compreensão das questões raciais, uma abordagem mais reflexiva, analítica e engajada, buscando questionar as estruturas de poder, as formas de discriminação e as injustiças raciais presentes na sociedade para a desconstrução de estereótipos e a promoção da equidade racial.

A partir da narrativa autobiográfica da primeira autora deste artigo, identificamos pistas de processos, linguagens e experiências em que podem ser mobilizados Letramentos Raciais Críticos, neste caso, originados na experiencia do ‘*fazerpesquisar*’ [[1]](#footnote-1), desde o Mestrado em Educação. E assim, identificamos caminhos possíveis para tecer os fios teórico-metodológicos no desenvolvimento de ações práticas de pessoas negras em cursos, *lives*, vídeos, *podcast*[[2]](#footnote-2) e outros artefatos culturais que vivenciamos no cotidiano de vida, pesquisa e formação.

Neste resumo expandido realizamos um recorte nas múltiplas linguagens que estão em nosso cotidiano, selecionando quatro linguagens para análise: *podcast,* filmes, literatura e música. Na próxima seção, nos deteremos no *Podcast* para dialogar com as apropriações dos Letramentos Raciais e Críticos.

PODCAST

Na cultura digital (Gere, 2008) todos nós somos praticantes culturais (Certeau, 2009) e estamos imersos em diversos ‘*espaçostempos*’ em que aprendemos, ensinamos e produzimos conhecimento em rede. Foi nesses espaços que encontramos um comentário em uma publicação no *Instagram* que indicava um *podcast* sobre cabelos e beleza negra. O episódio “[Nossa Beleza: Vênus](https://open.spotify.com/episode/3lL0YbMTdWvpDqkrM6RKPB?si=5etllAHuQVKKb7OqyEjBHg)[[3]](#footnote-3)”, do História Preta, primeiro de uma série de três episódios sobre a ideia de beleza e os resquícios históricos da colonialidade da beleza negra. [O História preta](https://historiapreta.com.br/)[[4]](#footnote-4) é um *podcast*, idealizado e coordenado por Tiago André, atualmente com 13 temporadas, em formato narrativo e documental, abordando a história de pessoas negras no Brasil e no exterior, valorizando as produções intelectuais, artísticas, históricas de movimentos sociais de pessoas negras. Cada temporada conta com diversos episódios dedicados a temáticas como literatura, samba, quilombo dos palmares, movimento negro, beleza, futebol, negros/as esquecidos ou apagados da história oficial brasileira etc.

No episódio, selecionado para análise, Tiago André traz o caso de Sarah Baartman, uma africana escravizada e iludida aos 21 anos de idade, em 1810 e, convencida por seus patrões a trabalhar em Londres, sob a falsa promessa de enriquecimento e posterior retorno a África do Sul, seu país de origem. Chamada de "Vênus Hotentote", Sarah foi exibida como forma de entretenimento em “show de aberrações”, prática comum à época, em que pessoas com algum tipo de deficiência e/ou geralmente racializadas eram expostas como atração principal. A “vênus negra” era uma espécie de chacota, pois "hotentote" era o nome para o povo coissã, considerado atualmente um termo ofensivo, enquanto que “Vênus” é referência à deusa romana do amor, ou seja, uma deusa feia. Sarah trabalhou anos a fio, sob um contrato de trabalho, visto que a Inglaterra havia abolido a escravização. Em Londres, ela tinha um potencial lucrativo, considerada uma curiosidade científica, devido ao tamanho de sua genitália e nádegas. Sarah se apresentou na França, em um cenário de exploração e, após 2 anos, foi encontrada morta. Após autópsia, seu corpo foi desmembrado, medido, estudado e catalogado, servindo de base para diversas teorias raciais por Georges Cuvier, que colocou seu cérebro e outros órgãos em frascos de formol para exibição no Museu de História Natural da França, até 1974. Apenas em 2002, após 10 anos de negociação por Nelson Mandela, então presidente da África do Sul, o governo francês devolveu os restos mortais de Sarah Baartman.

Tiago André, diz que as pseudociências do século XIX somadas ao colonialismo europeu trazem as ideias de normalidade e anormalidade em que a régua era o próprio europeu. Foi com a publicação do livro “A origem das espécies”, em 1859, por Charles Darwin que termos como “seleção do mais forte”, “competição” “evolução” e “hereditariedade” começaram a ser utilizados em várias áreas de conhecimento como psicologia, linguística, pedagogia e literatura. De forma geral, a interpretação era que existia uma hierarquia racial natural, o que tornou justificável o domínio europeu no ocidente.

Para Tiago André as teorias raciais vão se dedicar a medir, catalogar e estudar cada tipo de cabelo, tamanho de crânio, formato de nariz e boca, pigmentação da pele e todo tipo de característica física para associar o gênero humano a uma suposta origem racial. Segundo essa ótica, pessoas negras estavam no estágio mais atrasado da evolução humana e suas características físicas como cabelo, pele, cor e traços negros eram entendidos como primitivos, promíscuos, criminosos e feios. Schwarcz (1993), corrobora com essa afirmação ao dizer que para os teóricos da raça “o bom desenvolvimento de uma nação seria resultado, quase imediato, de sua conformação racial pura” (1993, p. 80).

Tiago André retoma a ideia de beleza enquanto conceito universal, ocidental, europeu e branco, o que também afirma Schwarcz (1993, p.85), com a percepção de que a diferença é antiga, mas é no século XIX que sua naturalização ganha contornos, ou seja, é com a teoria das raças que a noção de diferenças, como um “projeto teórico de pretensão universal e globalizante”, se afirma.

Tiago André, afirma que apesar de buscar referência de Sarah Baartman antes de sua exploração, não encontrou fontes sobre sua vida anterior aos 21 anos. E afirma que, apesar de muitas histórias de pessoas negras desvelarem dor e violência podemos buscar concepções de beleza nas tradições africanas, que desmistificam aquilo que é difundido como universal. Nesse sentido, em uma conversa com Tiago André, Natália Grilo Cipriano, editora e curadora da revista digital diCheiro, contadora e estudiosa da arte e estética nas tradições negro africanas, afirma que “o conceito de beleza está diretamente ligado às múltiplas faces do todo de Deus, da criação, ou seja, quanto mais belo mais próximo de Deus nas culturas africanas”.

Para Natália “Nós somos continuadores das obras da criação, o corpo humano é entendido como a primeira obra de arte”, e nas tradições e filosofias africanas a arte está ligada ao cotidiano, não tem um lugar específico para fazer arte. Tudo que se faz é uma obra de arte, então tudo precisa ser belo, por isso, a beleza está impressa em tudo, no estatuário, nas máscaras, nas casas, objetos, roupas, nas pinturas e em tudo”.

Tiago traz as figuras geométricas e padrões estéticos como identidade do corpo coletivo presente em toda comunidade, nos cabelos, tranças e nas pinturas. Natalia nos traz que as mulheres cumprem um papel fundamental na busca pelo belo, por meio da arte cotidiana.

Lopes e Simas (2023) ao dialogar sobre a filosofia africana afirmam que na colonização europeia haveria uma estrutura homogênea no pensamento africano que fundamentava ações e práticas conservadas no Brasil e nas Américas, e as mulheres possuíam papel crucial na transmissão das histórias ancestrais pelo canto. Para Tiago André, na maior parte das tradições africanas a noção de belo está ligada ao caráter, ser justo, bom e divinizado. Concepção encontrada nos axantes, raussais, iorubás, bantos e coissã, este último o povo de origem de Sarah Baartman.

É no princípio do conhecimento experiencial e na produção de contranarrativas que o episódio do *podcast* analisado mobiliza Letramentos Raciais Críticos (Ferreira, 2014), dialogando com a Teoria Racial Crítica de Tate (1997), visto que envolve a análise crítica de textos, imagens, discursos e práticas culturais sob uma perspectiva racial, desconstruindo narrativas dominantes e promovendo uma visão mais equitativa e inclusiva da história e da sociedade. Essa abordagem valoriza o conhecimento experiencial das pessoas racializadas, reconhecendo suas vozes e experiências como fundamentais para uma compreensão mais profunda das questões raciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que os Letramentos Raciais Críticos podem ser mobilizados em diversas situações e ‘*espaçostempos*’ como no *podcast* e constituem-se de um devir entre reconhecimento de identidade, compreensão e reelaboração das experiências vividas, além de diálogos sobre raça. No caso brasileiro, a criticidade desses letramentos também envolve as manifestações de racismo e o entendimento de como o fenômeno estrutura as relações sociais, afeta a parcela negra da sociedade envolvendo desvantagens de acordo com o fenótipo da pessoa.

Para Ferreira (2014) ao incorporar os Letramentos Raciais Críticos na educação, os docentes podem criar espaços de aprendizagem que estimulem a reflexão, o diálogo e a ação em torno das questões raciais, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes, engajados e comprometidos com a promoção da justiça social e da equidade racial. O *podcast* se apresenta como um importante artefato pedagógico para a apropriação dos Letramentos Raciais Críticos que podem ser mobilizados por professores da educação básica no cotidiano, ao considerar as interconexões entre raça, gênero, classe social e outras dimensões de identidade. Isso permite uma compreensão mais ampla das experiências e desigualdades enfrentadas por diferentes grupos sociais.

Referências

ANDRADE, N., CALDAS, A. N., & ALVES, N. (2019). Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas ‘conversas’ acerca deles. In I. B. Oliveira, M. L. Sussukind, & L. Peixoto (Orgs.), **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente:** questões metodológicas, políticas e epistemológicas (p. 19-46). Curitiba, PR: CRV.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1. Artes de fazer. 16 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Rio

de Janeiro: Ed. 34, 1995. V.1.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Teoria Racial Crítica e Letramento Racial Crítico: Narrativas e Contranarrativas de identidade Racial de Professores de Línguas. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN),** [S. l.], v. 6, n. 14, p. 236–263, 2014. Disponível em: https://abpnrevista.org.br/site/article/view/141. Acesso em: 14 maio. 2024.

GERE, Charlie. **DIGITAL CULTURE**. 2nd. ED. LONDON: REAKTION BOOKS, 2008. 250 P. ISBN 9781861893888.

LOPES, Nei. SIMAS, Luiz Antônio. **Filosofias africanas:** uma introdução. 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

SANTOS, Edméa Oliveira dos. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Santo Tirso: WhiteBooks, 2014.

1. No resumo expandido lançamos mão de um posicionamento político das pesquisas com os cotidianos em que “preferimos escrever juntas, em itálico e entre aspas simples, as palavras que aprendemos dicotomizadas pelos modos homogêneos de pensar e escrever. Dessa forma, demonstramos os limites de uma maneira de pensar herdada, e indicamos que podemos criar outros modos de '*práticasteorias'* (Alves, 2019, p. 15-16). [↑](#footnote-ref-1)
2. Conteúdo em áudio disponibilizado por meio de plataformas de streaming. É possível encontrar gravações de entrevistas, narrações, aulas e bate papo. Algumas marcas e **produtores de conteúdo** fazem séries sobre determinados assuntos que vão adicionando mais informações a cada episódio ([Principais termos da internet: glossário completo! (locaweb.com.br)](https://www.locaweb.com.br/blog/temas/de-olho-no-digital/principais-termos-da-internet/). [↑](#footnote-ref-2)
3. <https://open.spotify.com/episode/3lL0YbMTdWvpDqkrM6RKPB?si=5etllAHuQVKKb7OqyEjBHg> [↑](#footnote-ref-3)
4. [História Preta – Podcast (historiapreta.com.br)](https://historiapreta.com.br/) [↑](#footnote-ref-4)